

AMARA

DIRECTOR
CARLOS NEIRO XX

ANO VII N.º 477

SEXTA-FEIRA
15 DE JUNHO DE 1925

PREÇO: 1000
ANNUAL: 30000



OLHANDO A «ESTRELLA»

«Quando uma virgem «morre», uma «estrella» apparece...»

EXPEDIENTE

"A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director: Conselleiro X. X.

Proprietarios: H. de Campos & Cia.

Redacção: Rua do Rosario, 108 — 2.º andar

Administração: Rua da Quitanda, 59

Officinas: Avenida Mem de Sa, 236-240 — Rio de Janeiro — Brasil

Aos nossos agentes de venda avulsa, do interior, que se encontram em atrazo de pagamento, solicitamos a remessa das importancias correspondentes aos seus debitos, em vale postal, com a maxima brevidade.

Dentre esses pedimos resposta, ás nossas reiteradas cartas, aos seguintes:

Alfredo Fernandes	— Antonio Carlos	—	Minas
Candido Mosqueira	— Pomba	—	.
Domingos Orfanó	— Alfenas	—	.
Francisco Gonther	— Dôres do Indayá	—	.
Joaquim Louro	— Mar de Hespanha	—	.
José Fausto Dias	— Ponte Nova	—	.
Raymundo Dias	—	—	.
Modesto Vieira	— Jequitinhonha	—	.
Antonio Gentile	— Soledade	—	.
	— Caxambú	—	.
Nestor Lopes Coelho	— S. Sebastião do Paraizo	—	.
Sizenando Itabaiana	— Januaria	—	.
Armando Santos	— Viçosa	—	.
Luiz Fontana	— Ouro Preto	—	.
Agenor Pereira da Cunha	— Itajubá	—	.
Brito & Santos	— Patrocínio	—	.
Nicanor Figueiredo	— Pirapora	—	.
Mario Salgueiro Vianna	— S. L. Carangola	—	.
Alfredo Barbosa da Silva	— Sete Lagoas	—	.
Othon Dias	— Machado	—	.
Abraham Bichana	— Leopoldina	—	.
Carlos Alves	— Januaria	—	.
Joaquim Pedro Barbosa Junior	— Patrocínio	—	.
C. Oliveira Azevedo	— Oiveira	—	.
S. Rezende	—	—	.
M. Franco	— Itauna	—	.
A. Salles	— Caralinga	—	.

Assignatura e venda avulsa

Estados:	Capital:
Anno..... 25\$000	Numero avulso..... 5\$00
Anno (sob registro)..... 50\$000	Atrasado..... 6\$00
Numero avulso..... 6\$00	Idem, sob registro mais.. 6\$00

Para o Exterior

Porte simples:	Registrado:
Anno..... 50\$000	Anno..... 60\$000
Semestre..... 30\$000	Semestre..... 35\$000

Publicação retribuida — (Anuncios) — Preço por vez

Em papel couchê	Em papel assefinado
1 pagina..... 250\$000	1 pagina..... 200\$000
1/2 "..... 130\$000	1/2 "..... 110\$000
1/4 "..... 70\$000	1/4 "..... 60\$000
Capa anterior - (cores).. 450\$000	Publicações especiaes no texto, 5\$000
Contra capa, 1a. e 2.a a 350\$000	a linha, por vez, escala corpo 7

Toda correspondencia deve ser dirigida a João de Abreu

CABELLOS

Uma descoberta cujo segredo custou 200 contos de réis

A Loção Brilhante é o melhor específico para as affecções capillares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. E' uma formula scientifica do grande botânico dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

Analysada e autorisada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro e Departamentos de Hygiene do Rio de Janeiro e S. Paulo.

Com o uso regular da Loção Brilhante:

- 1.º — Desapparecem completamente as caspas e as affecções parasitarias.
- 2.º — Cessa a queda do cabelo.
- 3.º — Os cabellos brancos descorados ou grisalhos voltam á sua côr primitiva sem ser tingidos ou queimados.
- 4.º — Detem o nascimento de novos cabellos brancos.
- 5.º — Nos casos de calvicie faz brotar novos cabellos.
- 6.º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A Loção Brilhante é usada pela alta sociedade de S. Paulo e Rio.

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e casas de perfumarias de 1.ª ordem.

TELEPHONE DO ESPECIALISTA

— Sim, minha senhora, é frequente, na gravidez, aggravar-se esse corrimento, que se chama leucorrhéa e do qual soffrem muitas moças e meninas porque abusam da saude e não se queixam ou não usam o remedio apropriado.

— O unico efficaç e inoffensivo é o BLENOL.

— E' urgente começar a tomal-o para evitar soffrimentos ao nasciturno e á mãe no acto da «de-livrance».

Lic. pelo D. N. S. D. em 20-5-1900, sob o n. 44

TOSSE

e MOLESTIAS do PEITO usem sempre o

"GRINDELIA" DE OLIVEIRA JUNIOR

— PODEROSO CALMANTE, TONICO E EXPECTORANTE —

Pedir e exigir sempre: "GRINDELIA OLIVEIRA JUNIOR"

A SAUDE DO HOMEM

AURORA DA VIDA NO OCCASO DA EXISTENCIA ~ A MARAVILHA DA VELHICE

A SAUDE DO HOMEM é um medicamento ideal porque representa a poderosa associação de substancias vegetaes de grande valor no desenvolvimento das forças organicas.

Os centros nervosos, sob a acção dynamica desse medicamento estupendo, entram em toda a sua função physiologica, e o homem, mesmo no franco declinio de sua vitalidade, sente-se remôçar. E uma verdadeira aurora que surge no occaso da vida!

O cerebro, altamente revigorado pelo extraordinario poder tonificante da A Saude do Homem, faz sentir a sua acção motora sobre todo o systema nervoso manifestando-se assim em franca plenitude, a função genital.

A SAUDE DO HOMEM não contem nem traços de substancias que excitam de momento o systema nervoso, trasendo enganosas manifestações de virilidade. A sua maravilhosa acção para transformar o velho em moço, é toda devida ao seu grande poder tonico, por isso deve ser tomada perseverantemente por algum tempo, na certeza de que o effeito se manifestará seguro e prolongadamente.

Tomai, pois, A SAUDE DO HOMEM e voltareis aos deliciosos dias da juventude. Cada experiencia uma conquista. Crêde.

APPROVADA PELA SAUDE PUBLICA FEDERAL SOB O N. 709

Unicos fabricantes: **ANTONIO GUILHERME & FILHO** — PHARMACEUTICOS E DROGUISTAS.
BREJO — MARANHÃO

Vende-se em todas as Drogarias e boas Pharmacias

Depositario no Rio: SCHILLING, HILLIER & CIA. LTDA. — RUA PRIMEIRO DE MARÇO N. 4

ODONTOL

PASTA PO' - ELIXIR
DENTIFRICIOS
MANTEM A
HYGIENE
DA BOCCA

CLARÊAM E
CONSERVAM
OS DENTES

PERFUMAM
O HALITO

Em todas as
Pharmacias,
Drogarias,
Perfumarias,
ou no
deposito

FGO. GIFFONI

1º de Março 17



PETROL

LOÇÃO DE PETROLEO
MEDICINAL

**PERFUMA, =
= ONDULA,
AMACIA E =
CONSERVA O
CABELLO.**

ENCONTRA-SE NAS BOAS PHARMACIAS,
DROGARIAS, PERFUMARIAS E
NO DEPOSITO GERAL PHARMACIA E DROGARIA
FRANCISCO GIFFONI & Cª
RUA 1º DE MARÇO, 17 - RIO DE JANEIRO

Você me chamou de preto,

Eu sou pretinho dengoso;

Pimenta do reino é preta

Mas faz o prato gostoso.

A MAÇA

Numeros atrasados, desde o primeiro, publicado em 11 de Fevereiro de 1922, encontram-se na

LIVRARIA BRAZ LAURIA —

R. Gonçalves Dias, 78

Quem disser que amor não dóe

Desconhece amor então;

Queira bem e viva ausente

E verá si dóe ou não.

PROVERBIO FRANCEZ

Tout est bien qui finit Lesbien.


TRIAN

AGUA DE COLONIA cara,
mas superior a todas as
outras.

PÓ DE ARROZ barato mas
bom

UMA POSITIVA PROVA DE MERITO

A Preparação do Dr. Crossman é um medicamento interno para combater eficazmente a Gonorrheia aguda ou chronica e todas as doenças venereas de ambos os sexos.

A acção benéfica da Preparação do Dr. Crossman sobre as mucosas infectadas e inflammadas, é augmentada pela acção de outras substancias componentes que facilitam a secreção e expulsão da urina. N'isto consiste precisamente o seu extraordinario valor para a cura das inflammções dos rins e bexiga e outras enfermidades semelhantes.

Não produz sensação ou effeito desagradavel no estomago ou rins e torna desnecessarias injeções e irrigações. Um frasco de ensaio provará o seu merito; dois frascos bastam para os casos usuaes.

A Preparação do Dr. Crossman cumpre maravilhosamente o que outros tratamentos não passam de prometter.

À venda em todas as principaes Pharmacias e Drogarias.

Cabellos á Ingloze e la Garçonne
Botelho, especialista a domicilio. T. S. 1504

Se queres passar rapidamente pela vida, vive amando; se queres prolongal-a, vive esperando.
— EUGENIO SELLES.

Gonorrhéa e suas multiplas complicações (cystites, orchites, prostatites, etc.), **Leucorrhéa** (flores brancas), **Meitites**: cura radical em poucos dias por meio de injeções intramusculares de effeito garantido.

Dr. Luiz Sampaio

Das 10 ás 2 horas, na r. Marechal Floriano, 55 (antiga r. Larga)
Telephone Norte 5184

Das 4 ás 6 horas, na r. Rodrigo Silva, 26 : : Tel. 6181 Central

Os homens que fingem estar apaixonados conseguem mais do que aquelles que o estão verdadeiramente. — NINON DE LENCLOS.

Na intimidade, todas as mulheres do mundo são eguaes. — GOMEZ CARRILLO.

Numeros atrasados da A MAÇA

encontram-se a venda na Livraria BRAZ LAURIA

R. Gonçalves Dias, 78

OLHOS

Inflammações e purgações

USE O

COLLYRIO MOURA BRAZIL

Filmando.

Chronica

O mais importante factor do successo de um film é a boa interpretação dos seus diferentes papeis. Ainda quando o argumento pouco valor tenha, a perfeita identificação dos artistas com os personagens que representam é garantia quasi sempre segura de exito.

Para que possa haver, entretanto, perfeita distribuição dos papeis, é necessario que o producer disponha de um elenco numeroso e escolhido, em que encontre o typo exacto de que carece.

Os bons directores são indispensaveis tambem, é verdade. Mas, sem artistas competentes, não ha director, não ha Griffith nem De Mille, que possa fazer cousa aproveitavel.

Dahi se origina um dos mais interessantes aspectos da concorrência no campo da cinematographia: a luta pela conquista e retenção de artistas consagrados, travada entre as varias empresas, luta interminavel, em que não ha victoria definitiva. Ha derrota, porém. Empresas antigas, outrora victoriosas, vêem-se, pela successiva repetição das derrotas parciais, na triste contingencia de abdicar de sua independencia e buscar soccorro e amparo á sombra de outras co-irmãs mais prosperas e melhor fadadas.

Quem segue, hoje, o movimento dos artistas cinematographicos, na America do Norte, não póde deixar de admirar a tenacidade com que a luta se trava, de parte a parte.

Os exemplos abundam, que podem ser apontados. A Fox, decahida do seu antigo esplendor depois de uma série de insuccessos, emprehe actualmente uma offensiva formidavel para a reforma do seu elen-

co. Os artistas, disputados, não se deixam prender por contractos muitos longos, e esperam a maior offerta, nesse leilão singular, para optar por esta ou aquella empresa. A Paramount, a Metro-Goldwyn e outras, possuidoras dos melhores elencos, tomam todas as precauções, augmentam salários, offerecem garantias, acceitam exigencias, temerosas da fuga dos artistas de valor. A primeira dellas, principalmente, depois dos artistas que perdeu, quando perdeu o seu director Cecil De Mille, lança mão de todos os meios, para garantir-se contra novas defeccões possiveis.

No meio da luta assim travada, lucram os artistas bons, que, por disputados, veem elevados os seus salarios e dictam as suas condicções; e lucramos nós, frequentadores dos cinemas, porque tiramos proveito desta verdade economica «que a concorrência melhora o producto».

M.

ARTIGOS DE INVERNO

**Os preços mais
baratos
e maior sortimento,
só na**

CASA TEDESCO

RUA GONÇALVES DIAS, 9

♦♦♦♦♦♦♦♦♦♦

«Never the Shall Meet» é o titulo de uma das mais recentes produções americanas em que Bert Lytell figura com Anita Stewart.

♦♦♦♦♦

Milton Sills e Dorothy Mackaill são os os dois artistas que figuram nos principaes papeis do film «The Making of O'Malley».

♦♦♦♦♦

Carlito já começou a filmar a sua proxima produção intitulada «The Gold Rush».

♦♦♦♦♦

Consta que William Hart voltará á tela sob a direcção de Schenck.



Norma Shearer, Pauline Frederick, Aileen Pringle, Mario Carillo, Paul Nicholson, Patterson Deal, Mae Bush, Robert Leonard, Conrad Nagel, William Haines, May Mac Avoy, Hobart Henley, John Gilbert e Mae Murray figuram no film «Married Flirts» da Metro-Goldwyn, produção de Harry Rapf, dirigida por Robert Vignola.

Irene Rich é a leading-woman de Bert Lytell no film «Eve's Lover» da Warner Brother.

Del Ruth é o director do film «Eve's Love» da Warner Brothers.

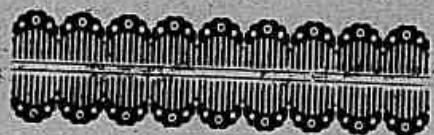
Louise Lorraine foi contractada pela Truart para figurar em uma serie de films.

O proximo film de Ernst Lubitsch para a Warner Brothers intitula-se «A Waltz Dream».

Joseph Schenck adquiriu o direito de filmar a celebre peça «Kiki». Norma será com certeza a protagonista. Não ha muito noticiamos que Lubitsch desejava filmar essa peça com Marie Prevost, mas, como se vê da noticia acima, Schenck passou-lhe á frente.

A Metro-Goldwyn está filmando «The Mystic» com Aileen Pringle e Conway Tearle nos principaes papeis.

Patsy Ruth Miller alcançou um dos successos mais brilhantes de sua carreira com o seu trabalho no film «The Rose of the World» da Warner Brothers.



Lucille Ricksen nasceu em Chicago a 22 de Agosto de 1907 e morreu ha pouco em New York. Os principaes films em que a vimos foram «Destino», da Universal, «Judgement of the Storm», da Palmer «The Living Dead», de Thomas Luce, «Rendez-vous», de Marshall Neilan, e «The Denial», da Metro-Goldwyn, que foi o seu ultimo film.

Clara Bow figurou ao lado de Willard Louis no film «Kiss me Again», da Warner Brothers.

Jackie Coogan, como era de esperar, voltou ao cinema, e vae figurar em «Old Clothes» da Metro-Goldwyn.

Entre os artistas que compõem, actualmente, o elenco da Fox, figuram Edmund Lowe, Alma Rubens, Jacqueline Logan, Frank Keenan, Lon Telleghen, Marjorie Daw, Belle Bennett, Tom Mix, Buck Jones, Henry B. Walthall, J. Farrel Mac Donald, Gertrude Astor, Madge Bellamy e outros.

«The Golden Calf» é o titulo inglez de um film allemão dirigido por P. Paul Felner.

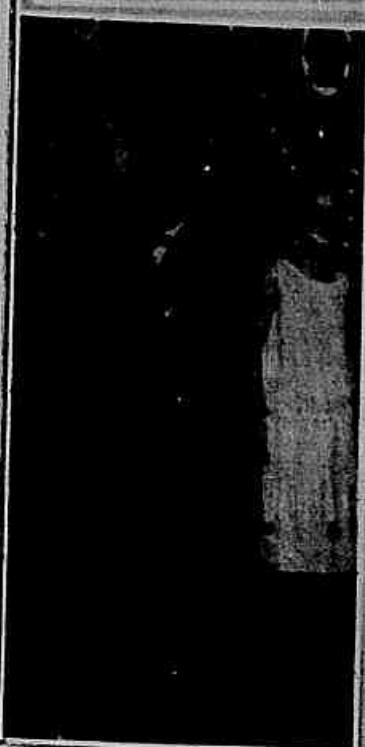
Ronald Colman e Vilma Banky são os artistas que interpretarão os dois papeis mais importantes do film «The Dark Angel», da First National. Vilma Banky é hungara e estreou ha pouco na tela americana, onde, todavia, já conta com muitos apreciadores.

DR. PAPAFITA

Clinica Medica Cirurgica de Doenças dos
Cólon, Rectum e Anus
Tratamento especial indolor das
HEMORRHOIDAS
SEM OPERAÇÃO
DR. PAUL PITANGA DOS SANTOS
Da Faculdade de Medicina
Rua do Passeio, 56-Sob.
Cons. de 1 ás 4 horas



ACONTECIMENTOS DA SEMANA



«Teams» do America e do Fluminense, com diversos aspectos do jogo de domingo ultimo, que terminou pelo empate de 3 x 3. Trevis e Bueno Machado, no segundo dia de campeonato de dansa. O Centro Feminino commemorando o 5.º anno de sua fundação.

VANADIOL

**FORTIFICANTE INSUPERAVEL EM
TODOS OS CASOS DE FRAQUEZA
E EM QUALQUER IDADE
ACONSELHADO PELOS MEDICOS COMO O MAIS
EFFICAZ REVIGORADOR
DA
SAÚDE**

SAUDE - FORÇA - VIGOR
adquire-se com ousos do



**BIOTONICO
FONTOURA**

**O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE**

Approvado pelo D. N. Saude Publica em 7 de Abril Sob o N. 1927 1918,

Na Rotisserie

-- Garçon, este frango devia ter pelo menos quinze annos. Está durissimo!

— Como o senhor sabe que elle tinha quinze annos?

— Pelos dentes.

— Onde o senhor já viu frango ter dentes?

— O frango não os tem mas tenho-os eu!

**Numeros atrasados da A MAÇA
encontram-se a venda na LIVRARIA BRAZ LAURIA
R. Gonçalves Dias, 78**

Triste sina de quem nasce
Porque, depois de nascer,
Não escapa de mamar,
Depois de mamar-viver,
Depois de viver-peccar,
Depois de peccar-morrer!

Humoristas do Sul

CAZUZINHA POR EUCLIDES DE ANDRADE

No dia em que D. Fortunata deu á luz o Cazuzinha, o digno progenitor do pimpolho, o major Leocadio Chimpanzé, pegou no recém-nascido, ao cõllo, afagou-lhe as bochechinhas rochonchudas, deu-lhe umas palmadinhas paternas, beijou-o carinhosamente e exclamou, a ímpar de orgulho:

— Este ha de ser um sabio, se Deus quizer! Hei de fazer delle um medico illustre, um Ruy Barbosa da cirurgia brasileira!

Deus, porém, não quiz attender aos paternaes desejos do Leocadio e, por isso, o Cazuzinha é ainda hoje, a figura mais representativa da burrice nacional, a entidade maxima da cretinice, elevada á quinta potencia.

As más linguas dizem por ali que o pobre Cazuzinha soffreu as tristes consequencias das leis do atavismo e eu acredito, porque o major Leocadio Chimpanzé é hoje o feliz proprietario de um grande viveiro de bagres e dourados em Mogy Guassú, naturalmente para não desmentir o dictado: «quanto mais burro, mais peixe»...

Soffrendo ou não a influencia das leis do atavismo, sendo ou não a affirmação viva, humana, da doutrina darwiniana sobre a origem das especies — a verdade inconcussa é que Cazuzinha, parlamentar ou diplomaticamente fallando, é uma reverendissima cavalgada.

Ora, o Cazuzinha, sabendo que, de medico e louco todos nós temos um pouco, veio hontem pela manhã pedir-me um conselho:

— Seu Epandro, eu estou com uma furiosa dor de cabeça; você não conhece um remedio que seja ao mesmo tempo bom para enxaqueca e que não faça mal ao bolso?

— Queres um remedio bom e barato, Cazuzinha?

— Quero. Eu não aguento mais esta maldita cabeça.

— Olha, atira-a ao lixo, que talvez sares...

— Não brinque, pelo amor de Deus. Eu estou muito doente...

Queres então que te ensine um remedio?

— Quero!

— Pois bem. Usa pyramidon. Vae á pharmacia Castor e compra duas capsulas de pyramidon. Verás como dentro de meia hora estarás completamente livre da cephalgia.

O Cazuzinha agradeceu-me a receita e lá se foi á pharmacia.

A tarde, achava-me eu á porta do «Diario» a palestrar com o René Thiollier, quando vejo passar o Cazuzinha, que levava, amarrado á cabeça um enorme lenço de Alcobaga. Chamei-o:

— Vem cá, ó Cazuzinha. Então o pyramidon não te fez bem?

— Qual o que, seu Epandro!... Em vez de duas, comprei 4 «capilas» do tal pyramidão e nem assim fiquei bom. Ai! que dor...

— O' Cazuzinha! Tu tomaste de uma só vez quatro capsulas de pyramidon e ainda estás vivo?!...

— Desconfio que estou... Mas, então, as taes «capilas» eram para eu tomar?

— Naturalmente!...

— Ah! é por isso que eu não sarei!...

— Então, que fizeste?

— Preguei as «capilas» na testa e amarrei este lenço por cima...

Ora, ahí está porque eu desconfio muito que o Cazuzinha ainda ha de ser «gente», na nossa terra...

EUCLIDES DE ANDRADES

Cada novo modelo apresentado...



é uma nova confirmação do alto gosto que
preside á escolha das novidades destinadas a

Ao 1.^o Barateiro

Av. Rio Branco, 100



CONSELHEIRO

CONSELHEIRO XX

N. 177 ANNO. IV



Rio de Janeiro, 27 de Junho de 1925

► O QUE É BARATO É MAU ◀

O Revmo. padre Guilherme despiu as suas paramentas em branco e ouro na sacristia da pequena igreja da vila, entregando-as ao sacristão, que as ia arrumando na gaveta de uma grande commoda resplandecente a campalana, quando appareceu á porta, emoldurada nella, a figura sertaneja do Seraphim.

Dá'cença, «seu» vigário?

Padre Guilherme voltou-se. Era um caboclo de uns vinte e poucos annos, imberbe por natureza, rosto chato e bronzado de indio. Vestia um terno domingueiro de casimeta, a calça fazendo roscas em cima da botina, o collarinho sahindo do paletot, engolindo o pescoço.

— Entra, Seraphim... Que é que você quer?

O caboclo approximou-se, o chapéo na mão.

— «Seu», vigário, — começou, desconfiado, o caboclo, — «seu» vigário, em vim aqui p'ra saber por quanto «seu» vigário faz um casamento.

— De quem é o casamento? E' seu?

— Sim, senhor.

— E a noiva? Quem é a noiva?

— A noiva é a Fulmena, filha do finado Baptista, do Sumidouro. «Seu» vigário conhece... Dobrando a sobrepeiz, vagaroso, padre Guilherme fez o primeiro preço:

— Seraphim, a tabella, aqui, é vinte e cinco mil reis... Para você, porém, fica por vinte.

— E' caro, «seu» vigário!

— Caro? Se você fosse em outra parochia pagaria cincoenta. Enfim, como você é pobre e a noiva não tem pai, fica por quinze...

— Ainda é caro, «seu» vigário! Vossa Senhoria quer dez? Quer dez, em doul?

— Para quando é isso, Seraphim?

— Agora, p'ra quinta-feira...

Padre Guilherme pensou um instante. Mas resolveu:

— Vá lá, rapaz... Vá lá! Traga, então, a moça, os padrinhos, tudo... Está tudo em ordem?

— Sim, senhor.

No dia marcado, casou-se o Seraphim com a Filomena. Casou-se, pagou os dez mil reis convencionados, e recolheu-se á sua casa de roça, no Sumidouro. E já se haviam passado oito mezes sobre essa solemnidade, quando, em uma das suas viagens pelos povoados da parochia, padre Guilherme encontrou no meio da estrada, descalço, a enxada ao hombro, a calça arregaçada até o joelho, um caboclo que, logo, reconheceu. Parou a burra marchadeira em que ia montado, e interpellou:

— Bom dia, rapaz! Você é o Seraphim... Não é?

— Sim, senhor, «seu» vigário.

— Então, como vai a mulher? Está boa?

O Seraphim baixou a cabeça, envergonhado.

— Sei, não, «seu» vigário... «Seu» vigário não sabe então do que succedeu? Aquelle diabo me deixou!

— Deixou?

— Sim, senhor. Tres mezes depois do casamento, a desgraçada fugiu com o diabo d'um mascate, e nunca mais tive noticia d'ella.

E, resolutio:

— Era uma peste, «seu» vigário! Antes assim!

A essas palavras, padre Guilherme resolveu tirar proveito para a sua seára:

— Tambem, Seraphim, o culpado é você.

O caboclo erguen os olhos, num espanto. E padre Guilherme, batendo com o rebenque no cano da bota:

— Onde é que você arranjava cousa melhor, com dez mil reis, Seraphim?

HUMORISTAS FRANCEZES

(TRAD. D'A MAÇA)

O ALTO FALANTE POR JEAN BONOT

A's oito horas e dez a creada annuncia o Sr. Odoncette. Mme. Bigornet solta um gritinho de contentamento:

— Oh, meu caro amigo, é você? Você chegou mesmo a proposito! Imagine que Arthur me deixou hoje em casa para ir ao banquete dos «Empreiteiros Radicaes»... E eu me aborreço aqui sosinha, a vinte francos a hora!

— Eu sabia... — respondeu o visitante.

— Sabia que eu me sentia aborrecida?

— Não; mas sabia que Bigornet estava ausente... Eu estava certo de que o Arthur, nem por um Imperio, deixaria de tomar parte no banquete annual... E então, vim...

— Para fazer-me companhia?

— E para outra coisa! — declara o rapaz, piscando o olho, e approximando-se da moça com um gesto concupiscente.

— O senhor? Que é que o senhor pensa, sr. Fernando?

— Que é que eu penso? Por que é que eu não poderia pensar no que estou pensando, se foi para isso que eu corri a visitar creatura tão deliciosa?

— O senhor esquece, acaso, que eu sou uma mulher honesta?

— Não, não esqueço. Mas ha uma coisa ainda mais interessante, que eu não perco de vista: é a occasião maravilhosa, inesperada, unica, providencial.

— Basta, senhor; peço-lhe; eu amo meu marido, e elle ama-me...

— Não tanto, porém, como eu!... pois, se a sua paixão fosse igual á minha, elle não a deixaria por uma «mayonnaise» e uma costelleta de carneiro. Ao passo que eu, Clemencia, tal como você aqui me vê, para encontrar-me mais cedo perto de si, jantei apenas um ovo estalado e uma rodela de salchicha... E isso para ser recebido como um cachorro!...

— Póde queixar-se... Mas não tem razão... Outra qualquer mulher, no meu logar, já o teria posto quatro vezes á porta da rua...

— Que devo eu concluir, então, da sua descendencia?

— Que eu sou uma boa creatura, que eu não gosto de estar só, e, sobretudo, que eu não li-guei nenhuma importancia ás suas proposições inconvenientes. Se quizer comprehender assim, pode ficar, porque tomaremos uma chicara de chá e filaremos de outra coisa enquanto escutamos o concerto.

— Que concerto?

— O que nos vae dar aquelle aparelho que está alli, e que Arthur me offereceu no meu anniversario.

Os dois haviam escutado, tranquillos, a «Reverie du Soir bleu», a «Meditation de Thaïs» e a

«Berceuse de Jocelyn», quando a trompa da Radiola os arranhou áquella quietude, annunciando:

— «Ides ouvir a allocução do sr. Dupont-Duusseu, presidente da «Associação dos Empreiteiros Radicaes!»

Percebe-se um murmurio confuso, em seguida uma sineta pedindo silencio, e uma voz estalada, exprimindo-se nestes termos:

— Uma vez que é de tradição nestes agapes fraternaes o nosso presidente pedir a palavra entre a salada e a sobremesa, as minhas primeiras palavras serão para lamentar a ausencia do nosso presado camarada Bigornet. A gripe, assaltando-o subitamente, acaba de impossibilitá-lo de comparecer, e elle acaba de enviar-me como desculpa estas linhas encantadoras...

A essas palavras mme. Bigornet dá um pulo:

— Eu te mostrarei as tuas «linhas encantadoras»! traidor! patife! satyro! individuo ignobil!... Dizes que te vaes banquetear, e corres para o bordel!... Espera um pouco, e has de ver o que eu te vou arranjar para a tua gripe!

E com um tabefe raivoso e repentino, atira o auto-falante ao outro canto do salão. Em seguida, voltando-se para o sr. Odoncette:

— Meu caro senhor, aqui estou! eu sou sua! faça de mim o que quizer! O senhor não é o meu typo; o senhor é louro, eu gosto dos morenos; o senhor é gordo, eu gosto dos magros; mas isso não tem importancia: o senhor apparece aos meus olhos como o instrumento providencial da minha vingança. Venha!

E passaram para o quarto de dormir.

Apenas, porém, havia o sr. Odoncette se insinuado voluptuosamente entre os lençoes, uma chave pôe-se a remexer na fechadura da porta de entrada.

— Meu Deus! — exclama mme. Bigornet.

E enfiando um «peignoir», corre a abrir a porta ao esposo inesperado. Vermelho, congestionado, batendo o queixo, Arthur atira-se-lhe nos braços.

— Ah, minha querua, — geme, — se tu soubesses!...

— Eu sei, meu queridinho, eu sei; é a gripe! coitadinho!...

— Quem te disse?

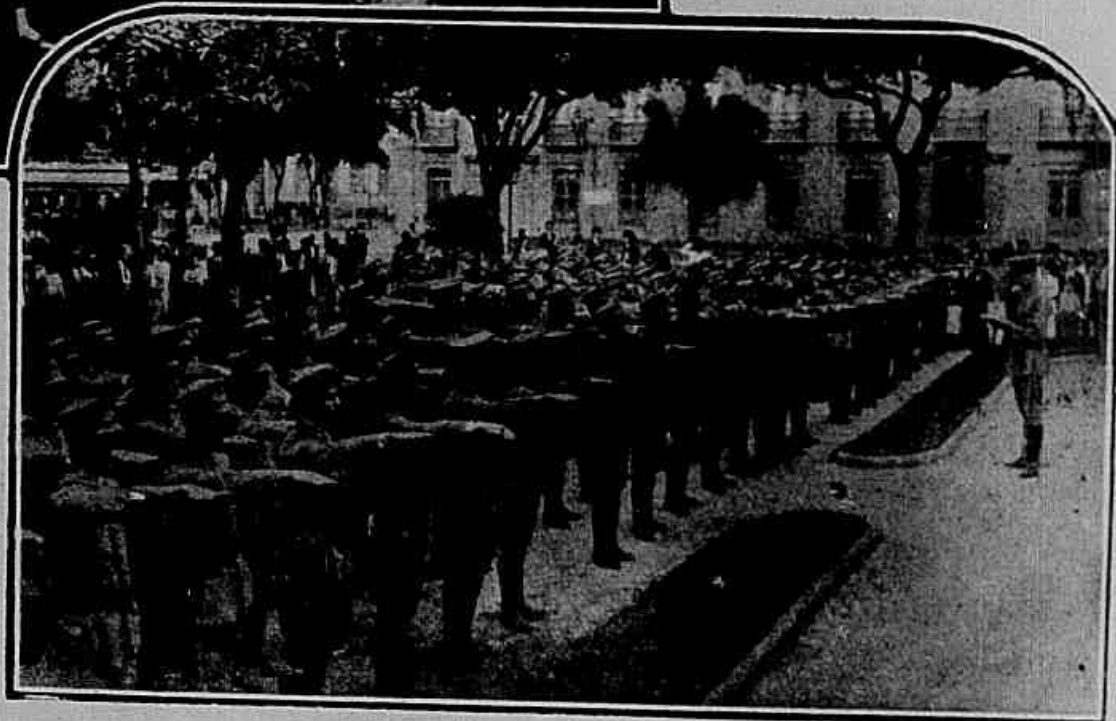
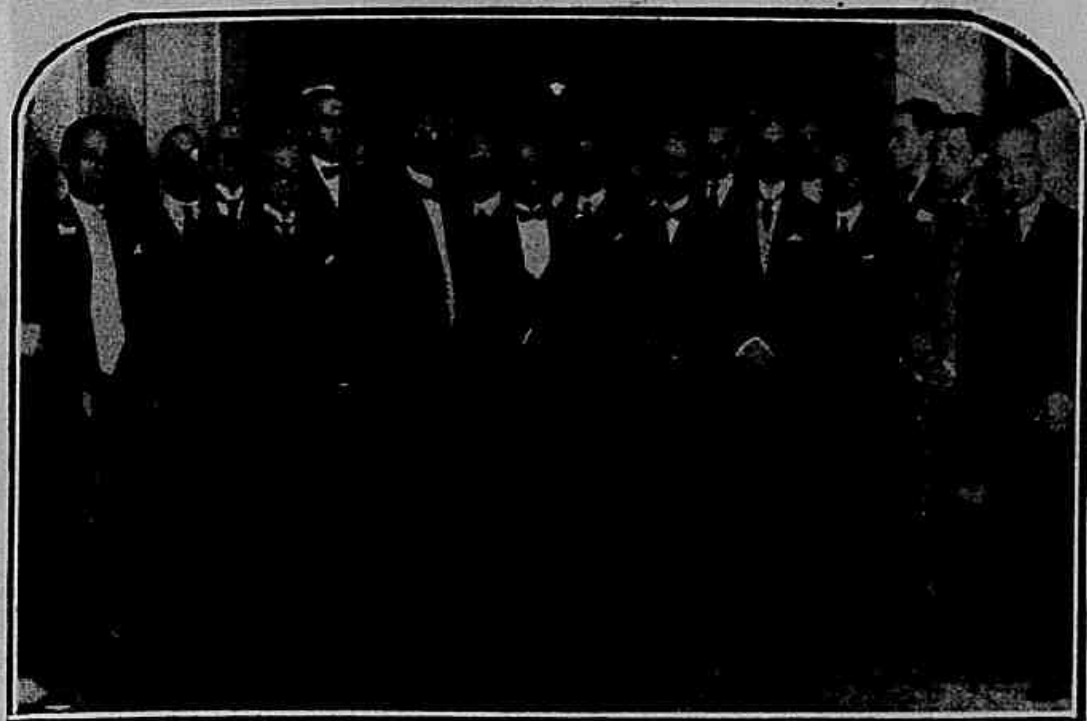
— O «alto-falante». Eu te explicarei isso depois. Entra um pouco para o salão. Eu te vou preparar em grog.

— Para o salão, não. Para a cama... Eu quero ir logo para a cama...

A essas palavras Clemencia empalidece. Pensa em Odoncette, no drama horrivel e imminente. Mme. Bigornet é, porém, uma mulher de recursos; e, no tom mais natural:

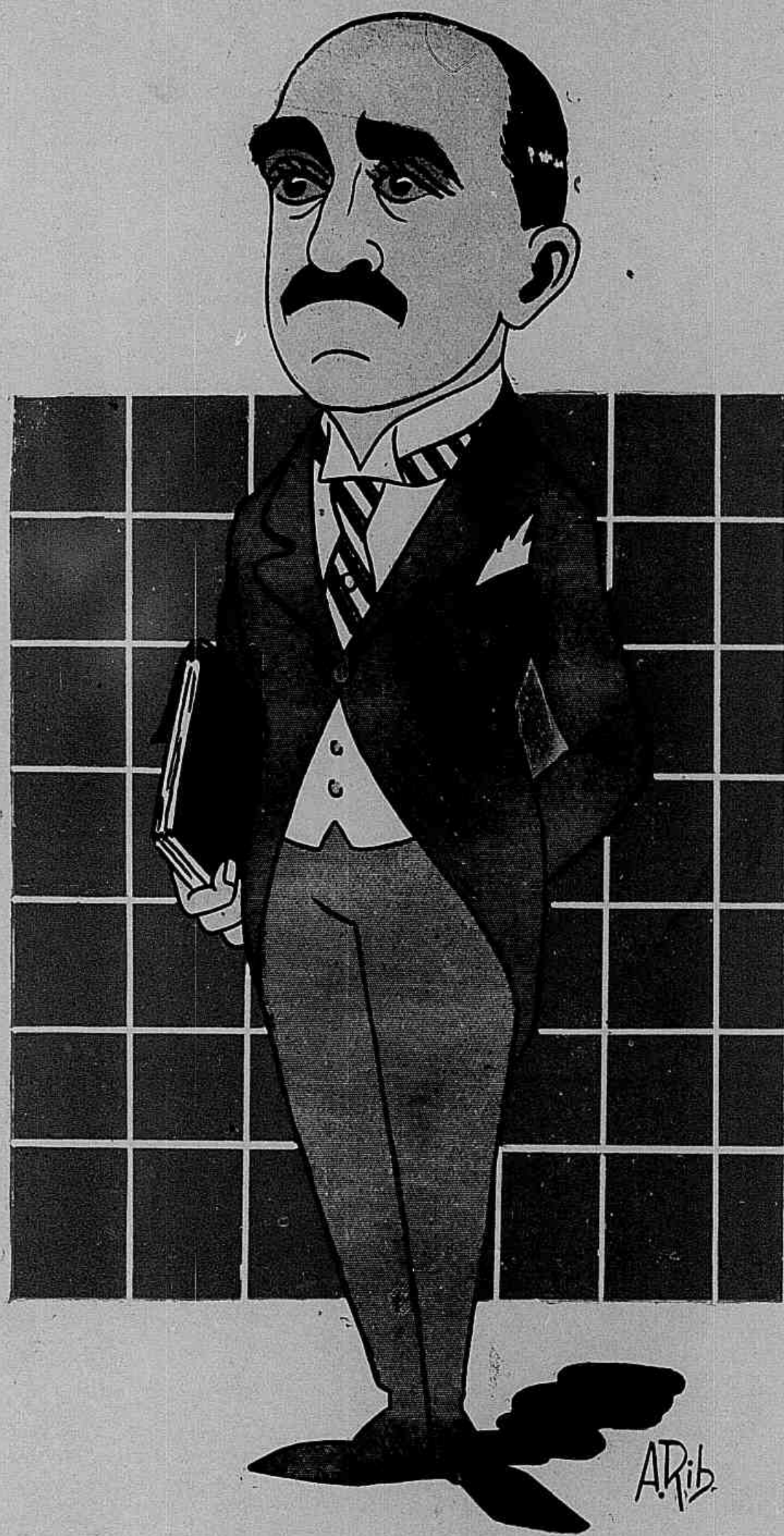
— Está bem... Mas, espera... Como Odoncette estivesse aqui e não houvesse tempo para aquecer a cama, eu pedi a elle, coitado! que a fôsse aquecer enquanto tu chegavas... Anda... elle está lá...

JEAN BONOT



1 — Recepção de Gago Coutinho na Sociedade de Geographia. 2 — Gago Coutinho lendo a sua conferencia, após a recepção. 3 — Recepção na Legação da Suecia, em commemoração do anniversario de Gustavo V. 4 — Juramento de bandeira pelos alumnos do Collegio Pedro II, Lafayette, Escola Polytechnica e outros institutos de ensino.

FIGURAS NACIONAES



ANNIBAL FREIRE

(Ministro da Fazenda)

FIGURAS NACIONAES

ANNIBAL FREIRE

A família Freire, de Lagarto, em Sergipe, estava quasi toda no Rio nos ultimos dias do governo de Floriano. Felisbello, ministro e escriptor, havia tido a habilidade de metter num chinello o famoso dictador, que se vangloriava de haver enganado, a um mesmo tempo, Deodoro e Ouro-Preto. E Laudelino era alumno da Escola-Militar na Praia Vermelha, quando rebentou a Revolta, que o foi encontrar de bruços em cima da cama, decifrando os complicados problemas de algebra que teria de transplantar, depois, para a literatura.

Com dois Freires aqui, era natural que apparecesse mais um. E este surgiu na figura adolescente de Annibal Freire da Fonseca, sobrinho dos dois primeiros, e que viera de Sergipe especialmente para estudar Direito no Rio. Logo, porém, á sua chegada, foi o rapazola sergipano objecto de discussões entre os tios.

— Afinal, o rapaz é Anibal, com um «n» só, Annibal com dois «nn», ou Hannibál, com H no principio, dois «nn» no meio e o accentto na ultima syllaba? — indagava Felisbello.

Laudelino, que já nesse tempo manuseava os seus classicos, opinava:

— O direito é Hannibál. E' como se lê em Camões. E recitava:

— «Para estes Hannibáes nenhum Marcello!»

Felisbello, ex-ministro da Fazenda, divergia:

— Está se vendo que você não entende de finanças. E retorquia:

— Você não sabe que não se deve «emittir» «letras» senão as estrictamente necessarias?

E firmava o pé, intransigente:

— Pois se o seu sobrinho é «Hannibál», com todas as suas complicações graphicas, o meu é «Anibal», simplesmente.

Nesse ambiente, cresceu Annibal Freire. A's vezes, um tio gritava:

— Anibal?

E outro:

— Hannibál?

O moço tirava a media, e attendia aos dois.

Não obstante isso, ou por isso mesmo — pois que da discussão é que nasce a luz, — Annibal Freire da Fonseca progredia nos estudos. Vivo, estudioso, intelligente, em breve conquistava na Faculdade um dos logares mais invejaveis, como alumno e como orador. E foi com os recursos d'esta ultima qualidade que, um dia, em uma solemnidade, proferiu um discurso corajoso e entusiastico, saudando na pessoa austera do Conselheiro Rosa e Silva as grandes aspirações do norte do paiz, esquecido, abandonado, despresado pela alta politicagem do centro e do sul.

Annibal Freire andava, então, pelos vinte annos. Era isso em 1903. Rosa e Silva oscillava em Pernambuco, mas possuia, ainda, prestigio sufficiente para uma reacção. Teve então, uma idéa: injectar sangue moço, ardente, impetuoso, no seu velho partido. E ordenando, d'aqui, o alliciamento de elementos novos entre a mocidade pernambucana, convidou, no Rio, Annibal Freire, para ser, no Recife, um dos redactores do «Diario de Pernambuco».

Arrancado ao seio tumultuoso da sua classe, com todos os ardores e impetos dos vinte annos, o sobrinho de Felisbello Freire chegou a Pernambuco com todos os defeitos e virtudes da sua idade. Pamphletario vigoroso, era uma d'essas mocidades rebelladas e decididas, que se não conformam com o estado do mundo. E, por isso, foi logo investindo galhardamente contra os bonzos da politica provinciana, agindo dentro do «Diario» como um busca-pé dentro de uma egreja.

— Peguem o rapaz!... — gritavam alguns chefes, dos mais prudentes do partido.

Mas Rosa e Silva tranquillisava:

— Deixem o menino! Conservemos a sua originalidade! Vamos ver o que sae d'aquí!

Em 1904, Annibal inaugurou na grande folha pernambucana uma serie de inqueritos literarios. Soldado da velha guarda, Balthazar Pereira, respondendo a um dos quesitos, alludiu aos pruridos iconoclastas do moço sergipano. Annibal, estomagado, partiu para cima d'elle. Balthazar dirigia a «Provincia». Annibal escrevia no «Diario». E a polemica recordaria uma batalha da «Illiada», se os heroes de Homero, em vez de combater com clavas e flexas, se batessem com ameaças e desafóros.

Não obstante a sua intransigencia e, mesmo, o impeto da sua linguagem, n'nguem, em Pernambuco, contestava o talento, a cultura, a integridade do sobrinho de Felisbello. Era um formoso espirito de luctador, d'aquelles que iam rareando, nesse tempo, no Brasil.

— E' um moço inconcienientissimo! — diziam todos. E concluiam:

— Mas tem talento!...

Por isso mesmo, foi um alarma no Recife quando se soube que Annibal Freire, com vinte e tres annos apenas, e formado no anno anterior, se havia inscripto para a cadeira de Direito Administrativo e Economia Politica da Faculdade, concorrendo a ella com Hercilio de Souza.

E o encontro foi tremendo. Armado de erudição juridica até os dentes, com grandes qualidades de orador e a consciencia de um alto e supremo direito, Annibal Freire deslumbrou os mestres, espantou o auditorio. A prova escripta, sobre organizações bancarias, poderia ser transformada, não obstante o seu caracter de improvisado, em tratado classico da materia. Por isso mesmo, foi um escandalo, quando a congregação, quasi toda opposicionista, publicou o seu veredicto:

— Hercilio de Souza — 1º logar; Annibal Freire 2º.

— Não pode ser! — declarou o moço sergipano.

E decidiu:

— Vou ao Rio, advogar o meu direito!

Estava no governo o velho e integro Affonso Penna. Annibal pediu-lhe uma audiencia. E, tranquillo, sem impetos, sem raiva, sem commentarios, expoz o succedido. E concluiu:

— E' este o meu caso. Eu não invoco para juiz do meu direito o Presidente da Republica; invoco o professor da Economia Politica da Faculdade de Bello-Horizonte!

Affonso Penna sorriu. E dias depois regressava Annibal Freire ao Recife, nomeado professor, cargo de que tomou posse, e que exerceu com o brilho esperado, mas de que se afastava pouco depois, convidado por Herculano Bandeira para occupar o logar de Secretario Geral do Estado. Era isso em 1908.

Em 1909, eleito deputado federal, e casado, já, com uma filha de Rosa e Silva, embarcou o joven professor para a Europa, onde passa anno e meio, passeiando e estudando. Ao regressar em 1911, encontra Pernambuco conflagrado. Hermes da Fonseca, já no poder, quer dar o Estado ao seu camarada Dantas Barreto. Annibal corre á Camara, que é um brazeiro. E a sua primeira oração, em uma epocha de grandes oradores, é a mais brilhante que alli se profere. João Mangabeira, civilista, é o tribuno do dia. Annibal supera João Mangabeira. E toma, de assalto, o primeiro posto na tribuna da Camara!

O dominio de Rosa e Silva está, porém, condemnado. Annibal cae, com elle. E durante sete annos, recolhe-se aos

(CONTINUA NA ULTIMA PAGINA)

OS MESTRES DA GALAMTERIA



CEGO

PAGINA DE

ANSELMO RIBAS

(COELHO NETTO)

— Ah! minhas senhoras, disse o venerando professor, achas estranho que eu vos fale dos corpos minimos, dos imperceptiveis que habitam o ar, a agua, que circulam nas veias do vosso corpo... A vida é um conjunto de particulas destructivas: os germens da morte são os mesmos principios elementares da existencia. O ar é um toxico, a luz é um toxico.

Achais estranho que eu viva a cultivar no meu laboratorio os infinitamente pequenos, com o mesmo cuidado com que cultivais as violetas e as rosas do vosso jardim

SOB MEDIDA



O ALFAIATE — A Senhora quer curto na frente e comprido atraz?

e zombaes dos meus conselhos relativos ás precauções que deveis tomar contra os invisiveis. Quando atravessaes a selva virgem, as vossas pequeninas mãos regelam-se, descoram-se os vossos labios, palpita com violencia o vosso coração — é o medo que vos domina, e balbuciaes tremendo: «Ai! que se nos sae ao encontro uma fera bravia!...» e entretanto aspiraes confiadamente no perfume da rosa... Uma corolla, minhas senhoras, póde occultar como a mais emmaranhada floresta africana.

Houve uma gargalhada prolongada e Alcina, trefega, aventurou:

— Um tigre dentro de uma margotin... Oh! doutor... os olhos sabios vem muito...

— Pois bem, para que zombeis com mais riso das minhas palavras, vou contar-vos a minha ultima experiencia, cujo resultado pretendo communicar á Academia de Sciencias na proxima sessão. A senhora de um dos meus clientes, a «Dona do velocinio», como a chamou em estrophes apaixonadas um poeta...

— A baroneza de Val Formoso! proclamaram em unisono as senhoras.

O professor teve um sorriso e continuou: A «Dona do velocinio», de volta da sua viagem de nupcias, entrou a padecer de uma estranha molestia — os olhos, os seus lindos olhos azues, cobriram-se de uma nuvem tenue, que aos poucos se foi tornando espessa, a tal ponto, que de todo desapareceram as magnificas pupillas. Fui vel-a, e confesso que no primeiro instantte lastimei intimamente a perda irreparavel de dous astros de tanto brilho, mas, penalizado pela queixa e pelas lagrimas da desventurada, atrevi uma tentativa arrojada e operei-a.

O que extrahi das pupillas era, como vos disse, uma especie de nuvem branca, um cumulus pequenino como os que circulam tumidos no céu. Ah! minhas senhoras! a minha mania da analyse!... Devo a essa feição imperitine do meu espirito uma descoberta que reputo de grande valor scientifico. Longos dias e longas noites passei a estudar a pellicula que extrahi dos olhos da baroneza. Vamos, preparaes a vossa gargalhada mais vibrante, preparaes a vossa satyra, lindas senhoras, mas Deus queira que amanhã não tenhaes de recorrer á minha pratica. Correram dias, e uma manhã indo eu examinar o bocal em que encerrára a nuvem, quereis saber o que meus olhos viram?

As damas inclinaram-se para o sabio professor, anxiosas pela solução do mysterio.

— Amores, disse o professor, pequeninos Amores, menores do que a unha rosada do vosso dedo minimo, menina Alcina.

Houve um longo silencio entre as damas; por fim uma velha baroneza perguntou:

— E a que attribue o doutor essa anomalia?

— Aos beijos, minha senhora, aos beijos nos olhos V. Ex. sabe que o beijo encerra infinitos germens mysteriosos: como a corolla da flôr, Mlle. Alcina; como o ar, senhora viscondessa. Basta que um só dos germens subsista, para que se desenvolva uma molestia curiosa como a que observei nos olhos da baroneza. E como as senhoras são geralmente, naturalmente incredulas, abro uma excepção para as que me ouvem, afim de que vejam o resultado que obtive da minha ultima experiencia...

A excepção da baroneza, todas as demais senhoras, inclusive Alcina, a incredula, limpavam os olhos lindos á cambraia dos lenços pequeninos.

— Compassivas damas, segredou o professor á velha baroneza...

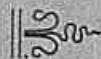
E a baroneza, a rir, tomando o braço do erudito mestre, atravessou a sala e dirigindo-se ás senhoras:

— Filhas, invejem a minha velllice. Estaria como vós outras a recejar a cegueira, se houvesse ainda um beijo para meus olhos...

E como as moças retirassem os pequeninos lenços dos olhos lindos, a baroneza e o venerando professor desataram a rir, a rir diante dos lindos olhos assustados.



ANSELMO RIBAS



HUMORISTAS DO NORTE

O COLIS POR MARIO SETTE

Quarto de vestir de Clarice. Moveis claros, espelhos finos, rendas e perfumes. Num divan, recostada, o roupão meio aberto a trahir o collo turgente, ella lê, entressorrindo, uma revista illustrada.

O marido entra no aposento sem ser notado e vai, sorrateiro, pôr-lhe as mãos nos olhos... Um susto e beijos...

soubeste mandar vir o teu colis...

(Finge-se amuada. Elle ri-se...)

II

Mezes depois. Mesmo scenario.

ELLE. — (numa gargalhada). Lembras-te do Raul, aquelle meu companheiro de collegio, que é hoje empregado do correio?

ELLA. — Sim. Porque?

ELLE. — Imagina tu que o Raul leu tambem aquella historia dos «colis» infantis na America do Norte e por sua vez contou-a á esposa, elogiando o esplendido serviço yankee...

ELLA. — E dahi?

ELLE. — (endireitando o cabelo ao espelho). E dahi o Raul, que é um pandego, tendo desde solteiro um filho natural, fructo de amores com uma rapariga leviana, pegou hontem no fedelho e com a maior naturalidade entrou com elle em casa...

ELLA. — E a mulher?!

ELLE. — Aceitou-o de braços abertos. Está toda pela creança...

ELLA. — Que «estomago»!! Ah! si fosse eu!

ELLE. — Escuta, filhinha. O Raul convenceu a esposa de que o menino viera dos Estados Unidos, num «colis» postal, com endereço insufficiente, e como ia cahir em refugio...



ELLA. — Sabes a novidade que estava a ler?... Engracado! Nos Estados Unidos um casal mandou buscar o filhinho pelo «colis» postal...

ELLE. — Ora a novidade!... Quando eu era pequeno já me affirmavam que viera ao mundo numa cestinha dourada...

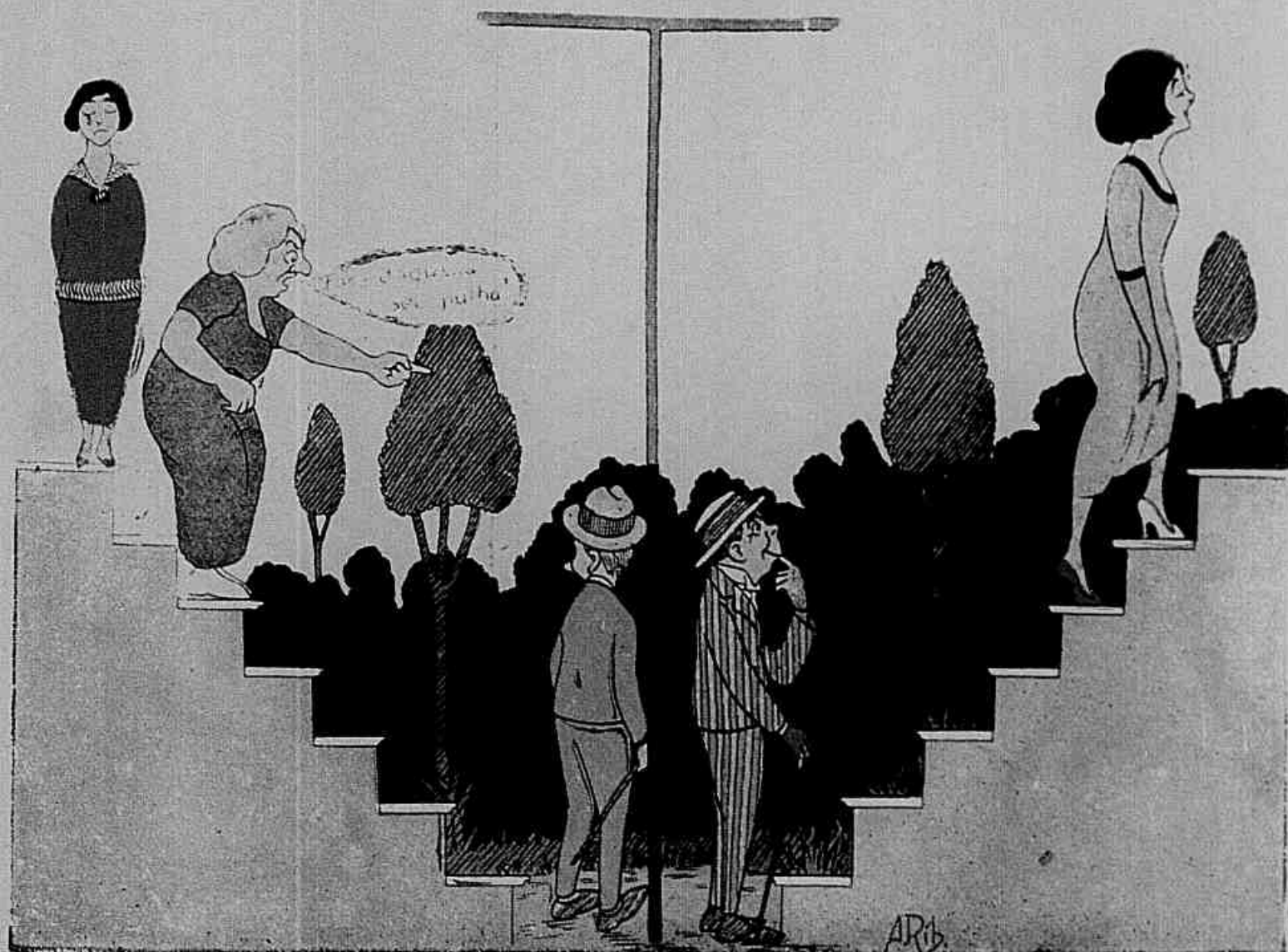
ELLA. — Malicioso! Não é isto o que quero dizer... Escuta: um casal havia mandado a creança passar uns mezes com um tio, numa cidade distante. No regresso, por não terem quem trouxesse o peiz, sujeitaram-se a que elle viesse por intermedio do correio, como «colis» postal...

ELLE. — Prova de terem os funcionarios postaes de lá concursos de amas seccas, ou, então, collegas amas de leite...

ELLA. — De tudo troças. E' porque ainda não

MARIO SETTE

"AS GRANDES INVENÇÕES"



(O alto fallante)

(O baixo vidente)

Alcova dos Poetas

BACCHO DE OLEGARIO MARIANNO

Baccho, o pagão que traz a cabeça coroada
De folhagens de myrtho e de parras e acantho,
Baccho é o sátyro capripede da manada.

Seus olhos turvos, onde o sensualismo explode,
Num deliquio augural de apathia e quebranto,
Lançam faúlhas mortaes como os olhos de um bode.

O vinho, a mocidade, a luxúria, o peccado,
Todas as sensações lhe fervilham na mente...
E Baccho, expondo ao sol o alvo corpo torneado,

Fareja o ambiente morno, as narinas dilata,
E quêda á escuta: é que fluctua no ambiente
O aroma virgem das oréadas da matta.

E Baccho, as mãos juntando em concha, olha o caminho
E invocando para o alto o seu dominio, grita:
— Eu quero vinho, vinho, um diluvio de vinho!

O vinho rôla, torrencial, espumejante...
E Baccho bebe... bebe... E que sêde maldita!
A sua bocca está quasi sempre escaldante.

E bebado, no seu devaneo indistincto,
Baccho procura, em cambaleios, delirante,
As oréadas para a ancia do seu instincto.

Mas finalmente chega a um planalto, e divisa
Ao longe, na extensão de uma curva sinuosa,
O bando espiritual que se volatilisa...

Dançam, soltando no ar comas longas e esparsas
Na meia tinta da distancia nebulosa...
São trapos de neblina ou um bando de garças?

E elle avança; porém, quanto mais se approxima,
As oréadas vão fugindo lentamente...
E tudo é verde em baixo e é tudo azul em cima.

E Baccho, escancarando os grandes olhos pardos,
Estende o corpo de formoso adolescente
Entre o manto da relva e uma moita de cardos.

Exhausto! Arde-lhe a fronte ao calor do mormaço
E elle fica a arquejar de volupia e canção.

Pesadamente o somno o envolve e Baccho sente
Que as pupillas lhe vão baixando suavemente...

Agora o sonho a arder com os vapores do vinho
Dá-lhe a impressão de que elle vae, triste e sosinho,

Ebrio, os olhos chispando em volupias estranhas,
Pelo escuro da matta ou o sopé das montanhas

E encontra, á sombra verde-azul da arvore enorme,
O alvo corpo immortal da oréada que dorme...

E Baccho alonga o immenso olhar insatisfeito
Para esse corpo nú, dezejado e perfeito.

E sente o aroma voluptuoso, activo e quente
Que ao seu olfacto sobe estonteadoramente...

A coma negra que o seu corpo ensombra e enviuva
E aquella bocca transformada em bago de uva.

E Baccho, sem conter a explosão dos sentridos,
Atira-se a collear entre uivos e gemidos...

Em espasmos sensuaes, Baccho abre os olhos e olha...
E' um fim de tarde. O vento as arvores desfólha...

Baccho tão só! A noite do alto já se escombra
E a sombra em torno espalha o seu manto de sombra...

De novo elle ergue as mãos em concha e pede vinho,
Mas não lhe dão. E' fogo o estendal do caminho...

A solidão lhe dá sensações de tristeza,
E Baccho, que ama o vinho, o luar, a natureza,

Apoiando a cabeça ás mãos toscas e brutas,
Chora e choram com elle as trevas absolutas.

Fica em seus olhos a obsessão perfeita e clara
De um corpo nú, num vago sonho que sonhara.

* OLEGARIO MARIANNO *

O EXAME POR

GIOVANNI MORELLI

No dia em que lhe disseram que o Banco de Emprestimos e Hypothecas precisava de uma dactylographa, a Mariasinha Holt enfiou na cabecita oxygenada e revolta, de cabellos curtos e crespos, o seu chapéosinho de feltro, vermelho como a sua boquinha accentuada a «rouge», varreu o rosto rapidamente com o arminho do pó de arroz, corrigiu o «tailleur» de casemira cinzenta, surrado pelo uso, e sahiu, passinho ligeiro, na direcção do grande estabelecimento nacional.

A' rua Primeiro de Março, onde funcionava o Banco, Mariasinha pediu para falar ao director. Introduzida no gabinete, o capitalista olhou-a, do sapato ao chapéu.

A menina é dactylographa? — indagou o velhote, rodando na sua cadeira movei, o charuto entre os dedos, a papada no peito da camisa.

Sim, senhor; tenho medalha de ouro.

Isso pouco importa, — fez o millionario, com indiferença por aquelles titulos, e desconcertando, com isso, a candidata. — A admissão de dactylographas é feita, aqui, de accordo com o exame a que são submettidas. A senhora vae, hoje, mesmo, á rua do Rosario, por cima do tabellião Soeiro, e procura o dr. Benevides. Diga que vae para ser examinada a mandado do Banco, e, amanhã, venha buscar a resposta.

Contrafeita com aquella severidade, que lhe prognosticava grosserias amargas, a mocinha fez um cumprimento de cabeça e tocou-se, nervosa, para a casa indicada. Leu o nome do tabellião entre as duas portas, em que se misturavam outras placas, e subiu. No primeiro andar, encontrou um moleque, á entrada de uma sala. Era, com certeza, alli.

— O doutor está? — indagou, agitada.

— Está, sim, senhora.

— Diga, então, a elle, que aqui está uma

pessoa que vem se submeter a exame.

Preguiçoso, o moleque desapareceu por tras de um reposteiro pesado. Ao fim de alguns instantes voltou.

— O doutor pede para a senhora entrar...

No gabinete, a menina estacou. Esperava-a, de pé, um rapaz alto, sympathico, physionomia risonha.

— Vem para um exame... Não é?

— Sim, senhor... — fez a menina, estranhando o ambiente.

— Não se impressione, não, — recomendou o profissional, com a singeleza de quem está habituado áquellas situações.

E retirando-se, puxando a porta:

— Faça o favor de despir-se, que eu venho já.

Dez minutos depois o dr. Anselmo da Gama auscultava o corpo joven, coberto apenas por uma camiseta de cambraia, de Mariasinha Holt. Concluido o exame, que foi demorado e minucioso, declarou a moça que aquillo era a mandado do Banco, e desceu, vermelha de vergonha, as escadas, rumo da casa materna, onde chorou toda a tarde.

Na manhã seguinte, foi ter ao Banco de Emprestimos e Hypothecas. Recebida pelo director-presidente, o mesmo velho da vespere, explicou:

— Eu vim, aqui, buscar a resposta...

— Resposta? — estranhou o banqueiro, franzindo a testa. — Mas, se a menina não foi ao exame?!

— Eu? Fui, sim, senhor! — assegurou, com força, a mocinha. — Eu fui! E tanto fui que esqueci, lá, o meu «soutien-gorge» e o meu collete, quando sahi!

Nesse mesmo dia, o Banco de Emprestimos e Hypothecas demittia, injustamente, por abuso de confiança, do cargo de examinador das suas dactylographas, o engenheiro Pacifico Benevides, que possuía escriptorio á rua do Rosario, 2.º andar, por cima, exactamente, do consultorio medico do dr. Anselmo da Gama.

IDA E... «VOLTA»



— Dá uma volta e vem, Gaudencio!

— Dar uma volta... Dar uma volta em que?

GIOVANNI MORELLI

Humoristas francezes

(Trad. d' A MAÇA)

A VIAGEM DE NUPCIAS POR

ANDRÉ STEEMAN

Lucette Dorgueil acaba de casar-se. Com um rapaz bonito, um rapaz rico, um rapaz espi-rituoso. Com um rapaz como ha poucos. E, em seguida, partiu em viagem de nupcias, uma viagem de nupcias pela Italia e pela Hespanha. O dia da sua partida foi um dia memoravel. Sua mãe chorou muito e seu pae, partidario dos processos radicaes, passou a tarde batendo na côxa. Suas amiguinhas cessaram, por algum tempo, de falar mal da sua pessoa.

Lucette e seu marido regressam hoje. A viagem durou um mez. Os noivos não deram noticias de si, e a impaciencia da espera é agravada por uma curiosidade devoradora.

Lucette chega, enfim. E no dia seguinte ao da sua chegada, á primeira hora — isto é, quatro horas depois de meio-dia. — as amiguinhas lhe encham a casa, para saber as novidades. Ahi estão as melhores: Denise, que traz sempre as saias curtas; Janine — cujo marido fez fortuna na industria das porcellanas; Raymonde, — que não engana o seu; — e Gaby. São as suas melhores amigas, repita-se, porque foram aquellas que todos os dias se lembraram d'ella, para re-ordar os seus defeitos.

No delicioso «boudoir» em que fôram introduzidas, a nervosidade é crescente. Estão, todas, curiosas de ver a recém-chegada. Queriam saber de tudo, de tudo. Por que não?

Enfim, eis Lucette! Seus grandes olhos emoldurados em largas olheiras parecem malva; e traja um vestido frouxo, da côr dos seus olhos. Assaltada pelo grupo, é ella abraçada, beijada, animada, puxada, inquirida, como se acabasse de escapar de um perigo mortal. Fazem-na sentar-se. Examinam-lhe o vestido. Apalpam-lhe as formas. Acariciam-lhe os cabellos.

E chovem as perguntas:

- Como tem sido o teu marido?
- Estás satisfeita?
- Elle tambem?
- Por onde andaram?

— Elle está gordo?

Emquanto isso, Lucette, anigamente tão parladora, tão loquaz, permanece de uma reserva desconcertante. E' preciso tirar-lhe a palavra pelo nariz. As poucas respostas que dá são sem espontaneidade, sem graça, quasi machinaes. Dá a impressão de quem diz uma lição decorada, ou de quem só viu o Vesúvio e a Torre de Pisa em simples cartolinas postaes.

— E Madrid?

— E Palermo?

— E Florença?

— E Lucerna?

— E Milão?

— E Toledo?

As amiguinhas insistem, apertam o cerco. E as respostas são cada vez mais vagas. Parece que Lucette ouve aquelles nomes pela primeira vez.

— E viste a Ponte dos Suspiros? — pergunta Gaby.

— Pouco... Muito pouco...

— E o palacio dos Doges? Os pombos de São Marcos? A praça de São Marcos, mesmo... Viste-l'a?

— Vagamente...

— Vagamente? E o Alcazar de Sevilha?

— Ah! falla do Alcazar! — pede Janine.

— E as Catacumbas?

— As Cata... O que?

E' o espanto, o verdadeiro espanto, que se estampa nos olhos das lindas visitantes. Até que a mesma pergunta estalou, floriu, rebentou, como uma rosa de escandalo, na bocca de todas quatro:

— Mas, afinal, filha, que foi que tu viste por ahi tudo? Anda! Dize!

Lucette baixa os olhos, os seus grandes olhos da côr do seu vestido, e emoldurados em rôxo, e responde, ingenua:

— Ah, meninas! como eu tenho olhado forro de quarto e docel de cortinado!...

E suspirou, fundo.

ANDRÉ STEEMAN



1 — As enfermeiras diplomadas pela Escola da Saude Publica, após a missa que mandaram celebrar na Cathedral, em acção de graças pela conclusão do curso. 2 — Cerimonia da entrega de diplomas á primeira turma de enfermeiras. 3 — As enfermeiras diplomadas, homenageando o dr. Carlos Chagas, director da Saude Publica. 4 — O director da Casa de Correccão, altas autoridades, magistrados, advogados e outras pessoas gradas, assistindo a cerimonia de libertação condicional, do sentenciado 87. Ao lado, o beneficiado pela lei.

A CARTA POR JOHN WILSON

O antigo engenheiro-chefe da Estrada de Ferro Casapiruba-Viramundo, é conhecido nos círculos mundanos em que vive pela rigidez imperturbável do seu caráter. Phisíonoma severa, testa recortada de rugas significativas, poucas pessoas se podiam gabar, talvez, de lhe conhecer o sorriso. E era por isso mesmo que os íntimos, como os estranhos, observavam, alarmados:

Vae ser uma sangueira, no dia em que elle tiver conhecimento das levandades da mulher!

D. Tetéa era, realmente, uma criatura leviana. Assim como o esposo se tornára, na cidade, a única pessoa que ignorava as suas levandades, era ella o unico mortal que não sabia os riscos a que se achava sujeita. E por isso errava de «flirt» em «flirt», simploria, ingenua, despreoccupada, como as crianças que brincam, innocentes, com um revólver entupido de balas.

A falar verdade, a linda moça não ia longe nas suas concessões. Olhares, telephonemas, cartas inflamadas, apertos de mão, encontros no cinema, e pouco mais. Para um homem com a fama do Dr. Amadeu, um decimo disso bastava, no entanto, para uma tragedia, em que haveria, pelo menos, tres cadáveres.

Essa tragedia, entretanto, falhou. Estava D. Tetéa, certo dia, a escrever a um dos seus namorados, utili-



zando a pena e o papel de cartas do marido, quando este, que ella suppunha tivesse saído, empurrou a porta e entrou, de repente, no gabinete. Ao vê-lo a dois passos, a moça ficou branca, de cêra. Estava, positivamente, perdida. A carta se achava já em meio, com o nome do destinatario e umas palavras de paixão desordenada, não havendo mais, pois, um meio de fugir. Attonita, a moça ergueu-se, a folha de papel nas mãos, os olhos esbugalhados.

Dá-me isso! — ordenou o marido, tomando-lhe a carta.

Testa franzida, phisíonoma soturna, leu, releu, em silencio, as duas paginas escriptas.

— Foi você quem escreveu isso? — indagou, grave, dirigindo-se á esposa, que titava ao lado, no divan.

— Fui, — confessou a pobre, como quem layra a sua sentença de morte.

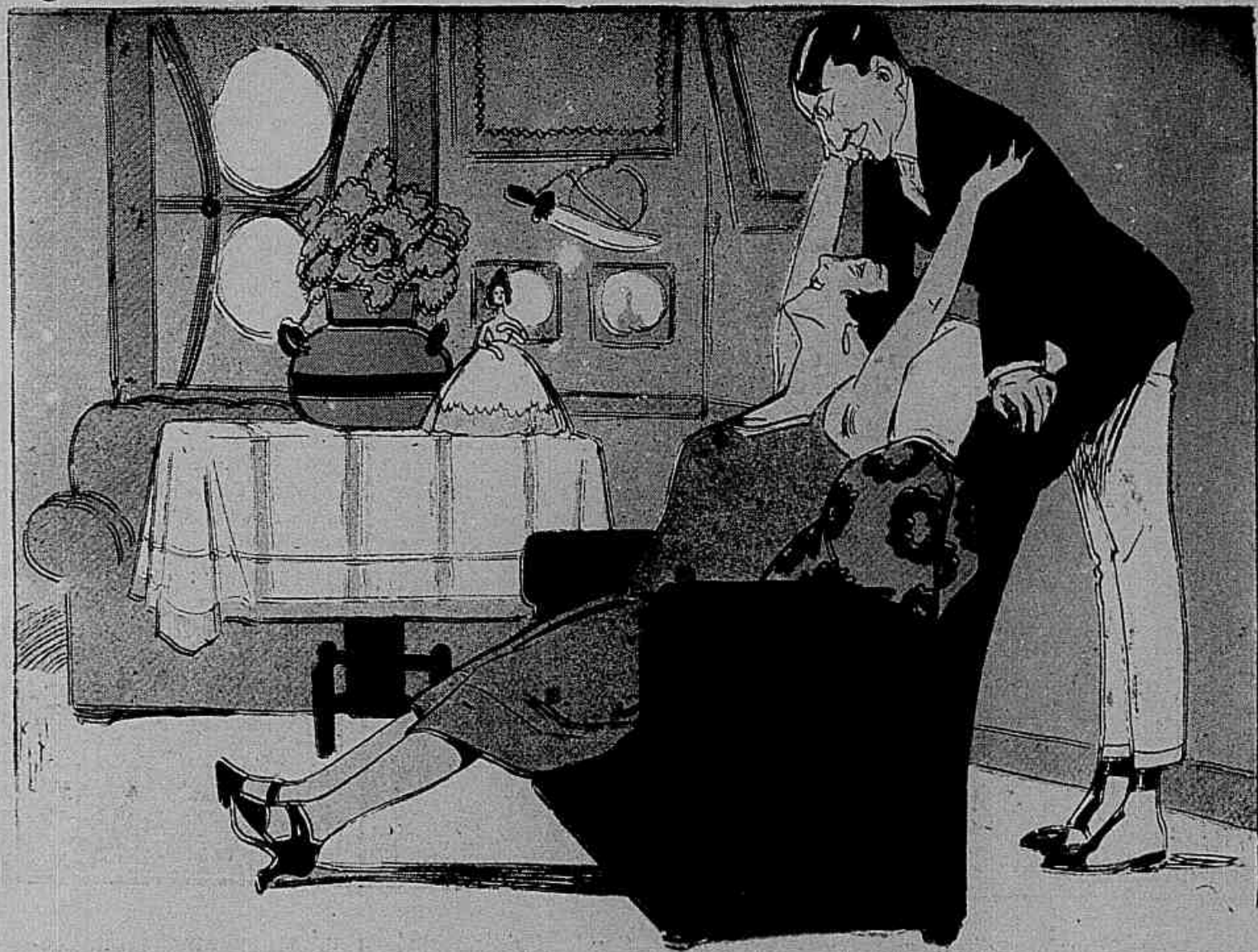
Pois, fez muito mal, rugiu o engenheiro.

E sentando-se, com solemidade, á mesa de trabalho, enquanto fechava a sua caixa de almaso:

— Quando você quizer escrever para os seus namorados, compre papel!

JOHN WILSON

O HOMEM E O MAR



— Dizes que os homens são como o oceano... Não são, não, Antonio.

— ?...

— O oceano cresce no seu leito de doze em doze horas!...

CRONICA PHOTOGRAPHICA DA CIDADE

ACONTECIMENTOS DA SEMANA



1 — Banquete offerecido pelos intellectuaes futuristas, ao sr. Graça Aranha, chefe desse movimento literario no Brasil. 2 — Festa de despedida do embaixador do Mexico, no Hotel Gloria. 3 — Identica cerimonia no Palacio do Itamaraty. 4 — Baile do Fluminense Foot-Ball Club.



Humoristas Hespanhoses

O ETERNO DIALOGO DE

R. CANSINOS-ASSENS

(Trad. d'A MAÇA)



Na tarde quente, de verão, conversavam junto a mim dois namorados; e eu os ouvia em silencio, voltando para outro lado os meus olhos para não rasgar o cendal discreto, e sumptuoso, com que a tarde ardente os cobria. E no meu intimo, admirava a linguagem capciosa e estudada com que elle fallava, pretendendo cohibir uma juventude de mulher demasiadamente effusiva, e avida de alegria. Pelo que eu afferi do dialogo, era ella uma rapariga excessivamente ufana da sua belleza, temeraria demais, e deslumbrada pelas luzes da vida. E elle sentia, provavelmente, pavor daquelle mocidade tão sadia e, no entanto, invulneravel, pois que lhe fallava com palavras que eram jugos e freios. E queixava-se da sua volubilidade, da sua loucura, dizendo-lhe:

— Tu não tens modos. Tu não me queres. Tu falas com toda a gente, e, sempre, alegre em excesso.

Ella sorria com desenfado, mas com graça:

— Que queres, então? Queres que esteja triste? Por que havia de o estar?

— E' verdade!... E' verdade!... E's moça e bonita. Olham-te todos os homens. Ai!... por que havias de estar triste?

(Dizia-o com pena, com despeito. Proclamava sua mocidade, sua formosura, como outras tantas infidelidades. Tivesse querido e, sem duvida, teria nascido mais feia, e ficado mais triste, para então offerecer-lhe o seu amor como um lenço ou um sudario. Oh, missão consoladora do amor! E, no entanto, não tinha começado a querel-a exactamente porque era alegre e bonita?)

Ella respondia:

— Por que havia de estar triste? Eu gosto tanto de viver alegre!... Com isso não faço mal a ninguém. Ou querias ver-me triste?

(Sim, sim; queria, mas não se atrevia a confessar-lhe. Não se atrevia a confessar a terrivel craldade do amor. E dizia:)

— Não, mulher; eu quero que estejas alegre. Fazes bem em divertir-te. Só o que devias era ser mais ponderada.

— Mais ponderada? Ponderada eu o sou. Que tem a ver uma cousa com outra? Sou alegre, mas ponderada. Para querer-te será preciso que esteja sempre séria?

(Sim; se elle quizesse ser sincero, ter'a ditto: sim. O amor pede seriedade; a cegueira, attributo do alado symbolo, é um estado sério. Mas empregava uma linguagem capciosa).

— Sempre, não; mas sim algumas vezes; tens tão pouca ponderação nos teus modos, que ninguém pode te levar a sério. Olhas para toda a gente e estás sempre rindo.

— Eu sempre estou rindo? E que ha nisso de mal? Não dizias tu proprio, antigamente, que gostavas do meu riso? Não elogiavas tanto as covinhas que, quando eu ria, se faziam na minha face?

(Antes! Antes, sim; mas, antes, ella não era sua. Antes teu sorriso era para elle como esse sorriso interminavel da paisagem matinal; mas agora teu sorriso deve ser para elle só, tão seu como essa mão que te têm presa, como se fosse a tua aza natural).

— E gosto, ainda hoje. Apenas acho que ris demasiado, e isso não te fica bem. Ris com exagero, porque achas que os homens gostam disso.

— Que extravagancia, a tua! Antigamente, quando me requestavas e eu não fazia caso de ti, dizias que eu era muito séria; e agora achas que sou alegre de mais. Quem é que entende os homens!...

(Ah! filha minha, é verdade! Temivel paradoxo do amor! Sua missão é despertar em um semblante adormecido esse sorriso que logo quizera apagar; emcrespa com o seu alento, os mares serenos, e logo quizera convertel-os em um lago gelado, porque conhece as virtudes conservadoras da neve! Ingrata missão, essa, do amor!...)

— Quem é que os entende? Pois é muito facil. Não te estou dizendo o que quero? Que sejas menos louca.

— Que seja menos louca! Que é que chamas tu ser louca? Porque me rio e estou sempre alegre? Será preciso, para dar-te prazer, que esteja sempre quieta, que não olhe para ninguém e não dê um passo sem te pedir licença?

(Sim; tudo isso queria elle, ou melhor, o amor voraz e insaciavel; queria ter as faculdades que teve em outros tempos; poder-te encerrar nos gyneceus, prender-te mais os pés com os grilhões de um decóro estrito. Lamenta que as pulseiras dos teus braços já não passem de um symbolo. Mas, como deus vencido, e' o que volta, capcioso).

— Não, filha, não exagges. Sabes de sobejo o que eu quero dizer. Eu sei que não tens má intenção no que fazes. Mas devias ser mais comedida. A gente que te não conhece poderia fazer mau juizo a teu respeito.

(Amedronta-a com a opinião, por que, nestes tempos modernos, não a pode amedrontar com o demonio. Mas a sua intenção é theologal).

Ella encolhe os hombros, e sorri:

— Que me importa o que de mim diga essa gente! Não faço nada por mal. Sigo a inclinação do meu caracter. Quem me não quizer como eu sou,



O ETERNO DIALOGO DE

R. CANSINOS-ASSENS



que me deixe.

Elle faz um gesto de espanto. Assusta-o tanta decisão. Tem o presentimento de quanto é facil a fuga para uma mulher joven, tão facil como a queda de uma folha secca que ainda estivesse verde. Solta um suspiro de despeito.

— E' isso!... Vê como não me queres! Não és capaz de nenhum sacrificio por mim. Has de fazer sempre o que entendes.

(Pede-lhe o sacrificio, a ampôla de sangue, a viscera no prato, a mão mutilada ou a cabelleira que se offerece aos deuses).

Ella:

— Não digas isso. Eu te quero. Mas é que te tens tornado muito exigente. Falas como os sacerdotes.

(E' verdade. Fala como os sacerdotes. Assim como estes tem a hostia no tabernaculo, assim elle a queria ter, a ella. Todo amor excessivo chega a converter-se em um sacerdocio, reclama os véos, os cilios, os jejuns).

Ella prosegue:

— Queres que eu mude de caracter, e não has de conseguir. Sou já maiorsinha, e solteira, e não tenho que obedecer a ninguem. Se eu quizesse isso, ter-me-ia feito freira.

(Presente o perigo da absorção amorosa, da captura leiga. Por isso foge á ferula dos sacerdotes e aos beneficios dos sacramentos consoladores. Havia de encontrar no amor profano os mesmos inconvenientes e rituaes?)

Elle, com amargura:

— Está bem, está bem. E's muito livre. Não queres obedecer a ninguem. Enquanto fores nova não te faltarão noivos; mas, com esse caracter, ninguem se casará contigo!

— Pois, não casarei. Melhor. Viverei mais tranquilla.

(Admiravel serenidade a da mulher, para affrontar o futuro. Como se sente ella bastante para preencher a extensão de um leito solitario! O homem estremece, e sente a necessidade de um espantinho para intimidar aquella juventude tão intrepida!)

— Agora, sim; agora, ninguem te faz falta; mas, depois, quando ficares velha e se te acabar a formosura?

(Eterno fantasma para a mulher;

a velhice e a fealdade, seus dois lados vulnerave's, as duas misericordias do destino para com o homem — de outro modo, quem poderia dominar esses monstros seductores? Seria enormemente injusto e terrivel que a mulher não envelhecesse. Mas é assim, e qualquer um pode vingar-se da sua formosura, recitando-lhe esse horoscopo infallivel).

Ella encolhe os hombros. Parece inverosimil que possa ser velha algum dia. Os espelhos lhe mostram até agora a superficie das suas aguas e ella ha-de naufragar no seu fundo. A juventude lhe parece tão longe como um paiz exotico. Ri.

Elle insiste:

— Quando ficares velha, se te não tiveres casado, encontrar-te-has só. Então, já se te haverá acabada a formosura, e não te olharão os homens.

Silencio. Ella vae percorrendo com a imaginação a distancia que a separa desse paiz exotico.

— Então, ninguem te olharia. Tuas amigas, mais feias do que tu, se terão casado, e tu morrerás de inveja. Então tu te lembrarias de mim e do que agora te estou dizendo. Pensarás: — Que bons conselhos me dava, e como me queria! Se tivesse sido mais ajuisada, estaria casada com elle... E como o afugentei do meu lado com as minhas loucuras!..

Enfim: ella tem ido envelhecendo figuradamente no silencio. O crepusculo que escurecia cada vez mais, envelhecia o seu semblante. Era já como uma folha secca. E exclamou:

— Mas, homem, para que me estás a dizer essas cousas? Pesa-te a minha alegria e gostas de ver-me chorar? Pois, já estou chorando. Mas, serias capaz de deixar-me, porque me rio? E' preciso que me vejas triste para que fiques contente? Que mau, que és!

Elle, com o entusiasmo que infunde as lagrimas, testemunho indubitavel de um desvelo interior:

— Não, filha; eu não quero que chores. Eu quero que te rias, mais connigo só, não com os outros. Estas lagrimas... Eu as enxugarei com os meus beijos!

(Missão balsamica do amor. Paradoxal necessidade de ferir para estancar o sangue, indicio de um coração traspassado. Eu admiro em silencio a linguagem capciosa da ternura viril, e como tudo tende a por um jugo sobre esse collo feminino e sobre esses pés, cuja dança no amor sempre nos parece demasiado perigosa. Oh, paradoxo do amor!...)

R. CANSINOS-ASSENS

"Capital"
RIO.

deve ser a Casa preferida por quantos tenham de fazer quaesquer compras de artigos finos, como sejam: meias para homens e senhoras; camisas de seda, linho e zephir, para homens; camisas finissimas para senhoras; roupas de gosto para creanças; chapéos de palha e feltro; lenços finos; objectos de luxo para presentes capas para chuva e frio; todos os artigos, em summa, reclamados pelas exigencias de uma vida elegante e confortavel.

E se o carioca tiver de afastar-se para o sul, não deve esquecer que, para substituir em taes casos a casa do Rio,
SÓ HA OUTRA:

"Capital"
S. PAULO



Potlins...

Quem vem atrás...

A porta do Odeon, encontraram-se a velha senhora e a linda e joven dama, que aquella vira em pequena. Abraços, carinhos, perguntas, e a indefectivel palestra.

— Então, quantas irmãs são vocês? Você é a mais velha; não é? — indaga a matrona.

— Sim, senhora; eu sou a primeira.

— E a segunda?

— A segunda é a Carlotinha.

— Quem vem atrás da Carlotinha?

E madame, distrahida:

— Actualmente? Actualmente, quem vem atrás é um engenheiro da Central...

E num muchôcho:

— Tu não gastas com mulheres... Em que é, então?

Casamentos... na Argentina

O pequeno salão de visitas da linda divorciada, que de vez em quando vae ao Prata casar-se, é um muno de arte e de gosto. Sobre os moveis, retratos de homens, em molduras de custo. E é ahí que madame recebe aquella amiga encantadora, a qual, ao ver um dos retratos, exclama, entusiasmada:

— Que bello homem! não?

Madame solta um suspiro:

— Tens razão... E' um lindo homem...

E com outro suspiro:

— Foi o marido mais bonito que eu já tive!...

Uso e abuso

O escandalo estalou, e acabou nos jornaes. No hospital de Nitheroy, dois ou tres medicos ainda jovens, ter-se-iam tomado de paixão pela enfermeira que assistia a uma das operações. De repente, na sala fechada, ouvem-se gritos, exclamações, cadeiras cahindo. E um momento mais, sae a moça correndo, o vestido roto, o cabello desgrenhado, bradando:

— Canalias! miseraveis! bandidos! — queriam abusar de mim!...

Na cidade, commenta-se o facto.

— Eu não sei, — dizia, na barca, um deputado federal, — mas eu não acredito que elles quizessem abusar da rapariga.

E displicente:

— Da mulher, só se «abusa» quando é muito bôa; quando é apenas soffrivel, «usa-se», apenas...



A desvantagens do dote

Aquelle marido é, sem duvida, um bello homem, mas, em materia de educação, é o que se pode chamar — um mastodonte. Por ocasião do seu casamento, o pae da noiva dotou-a com trezentos contos, em um cheque. E isso, que devia ser motivo para que elle a quizesse ainda, tendo sido pretexto, apenas, para humilhá-la.

Ha dias, tiveram os dois uma títira.

— Ninguém dirá que eu não sou uma bôa creatura; isso, não! — dizia madame, resentida.

— Bôa!... — fez o marido, com ironia.

— Bôa!... sempre foste muito bôa!...

E num dos seus coices habituaes:

— Eras tão bôa, que teu pae me deu trezentos contos para ficar contigo!...

Mysterios femininos

O honrado e velho capitalista não é dos espiritos mais agudos do alto commercio. Da sua intelligencia dá idéa um caso recentissimo.

Creatura «chic», madame é uma excellente fregueza de joalheiros, chapeleiros e modistas. O marido dá-lhe oito contos por mez, mas as contas chovem, ainda, no escriptorio. Até que, ha dias, o capitalista resolveu reclamar:

— Eu não sei, afinal, em que gastas o dinheiro que te dou.

Ennumerou nos dedos:

— Tu não bebes... tu não fumas... tu não jogas...



Casaes de hoje

Quando madame chegou ao Cassino de Copacabana, a amiga correu ao seu encontro, afflicta:

— Volta, filha; não entres!

— Mas, por que?

— Eu te digo: é que teu marido está ahí dentro, no salão de jogo, com a franceza, amante d'elle!

Madame sorriu:

— Então, é por isso? Para mim é até melhor.

E tirando o «manteau»:

— Eu prefiro assim, porque é o unico meio de elle me deixar socegada!

E entrou.



OLHO DE VIDRO

HUMORISTAS PORTUGUEZES

PERFEIÇÃO... E RAPIDEZ POR CAMPOS MONTEIRO

(APONTAMENTOS DE VIAGEM)

CAMPOLIDE, (8 h. e 30 m. da manhã): — Subitamente, resolvi esta madrugada regressar ao Porto. Cheguei á gare do Rocio cinco minutos antes da partida do comboio. Com um pé no estribo da carruagem, tive de esperar uma infinidade de tempo que um cavalheiro hespanhol, portador de uma anafada esposa, duas filhas rechonchudinhas, trez filhos esgrouviados e doze malas, desatravancasse a plataforma de todos estes volumes.

Já o comboio vae dentro do tunnel quando consigo pôr o outro pé dentro do vagão. Os hespanhoes, praguejando como gascões, somem-se com as malas lá para o fundo. A' luz das lampadas electricas avanço, pelo corredor, com o meu papeto na mão, á procura do lugar que na vespera reservara. Mas tenho de deter-me ainda um momento porque dois rapazes — um d'elles alto, loiro, de monóculo — conversam tomando a passagem.

— Tu por aqui, Arthur?

— E' verdade. Fujo a este calor horrivel de Lisboa — responde o do monóculo.

— Para a Figueira?

— Um pouco mais longe; para Biarritz.

— Bravo! Só eu não consigo pechinchar um bocadinho de estrangeiro! Imagina tu: tenho que passar o mez de agosto em Espinho.

O' desgraçado! — disse Arthur, com um tregeito de comiserção, quasi de desprezo. — Espinho! Peor que a Nazareth!

Despedem-se, com um aperto de mão. Arthur entra no compartimento n.º 2 e toma o seu lugar, junto da janella. Eu faço o mesmo. Fico, por acaso, sentado em frente do felizardo.

BRAÇO DE PRATA, (8 h. e 40 m.)

— A' luz radiante do sol posso emfim examinar os meus companheiros de viagem. São um velhote de cabellos brancos, olhos de aros de ouro e barretinho de seda na cabeça, uma dama de meia idade, tres senhoras tão edosas e tão feias, que as Górgonas, á vista d'ellas, deviam parecer tres Graças, e uma menina dos seus 19 annos, gentil, olhos vivos, focinhito arrebitado, e toda ella transpirando mocidade e desenvoltura. Calhou ir sentada ao lado do rapaz, e examina-o disfarçadamente, olhando de quando em vez para o Tejo, como quem goza a belleza da paisagem.

SACAVEM, (8 h. e 55 m.): — O comboio, por qualquer motivo de serviço, teve uma paragem forçada. O velhote vê as horas no relógio e murmura para a dama

de meia idade:

— Oxalá que cheguemos á Pampilhosa a tempo de apanharmos o comboio da Beira Alta.

— Oxalá! — respondem ella e a pequena.

— E' que o da Beira Alta — explica o velho dos occulos — se este fôr atrazado, não espera.

— Valha-nos Deus! — diz uma das senhoras feias. — E nós que vamos para Abrantes!

— Então podem ficar descansadas. O da Beira Baixa, no Entroncamento, espera sempre.

Fico sabendo que as Górgonas formam uma familia áparte. N'este momento a locomotiva silva e arranca de novo. Recostome. Pezam-me as pálpebras. Dormito.

SETIL, (9 h. e 15 m.): — Acordei. Preguiçoso, enteabro ligeiramente os olhos. Vejo apenas os pés dos passageiros que vão em minha frente. O rapaz do monóculo calça sapatos amarelllos, á papo secco. A rapariga, sapatos de lona branca. Acabava eu de fazer esta observação quando o sapato de Arthur — hão de ser sempre terriveis, os Artures! — deslisou dois palmos pelo tapete e se encostou ao sapato branco mais proximo. Passaram dois minutos. O sapato branco ergueu-se um pouco e pousou sobre o amarello, n'uma pressão que devia ser deliciosa.

— Demonio! — disse eu para commigo, esfregando as pálpebras. — Estou n'um comboio, ou n'um cinematographo!

Este meu gesto, intempestivo, fez com que as duas peças de calçado se separassem rapidamente, regressando ás posições primitivas. Endireitei o busto, como se acabasse de accorder, e olhei a um lado e outro. Arthur lia o «Diario de Noticias»; a pequena, um livro de versos. Papá, mamã e as tres feras dormiam como santos.

SANTAREM, (9 h. e 40 m.): — Não ha duvida. Apesar de desconhecidos quando entraram no comboio, Arthur e a pequena entendem-se ás mil maravilhas. Simulei tornar a adormecer. E eis o que vi, pelas fendas das pálpebras semi-cerradas:

Arthur olhou meigamente a rapariga, que lhe correspondeu com um olhor muito mais meigo ainda. Depois sorriu. Ella sorriu tambem. E todo o seu rosto, desde a cóvinha do queixo á raiz do cabelo, sorria. Emfim, tendo préviamente relanceado a vista pelos circunstantes, o rapaz levou a mão ao coração. Ella virou algumas paginas do livro e indicou-lhe o título d'um soneto, em caracteres maiusculos: «Amor eterno».

Muito significativo!

PERFEIÇÃO... E RAPIDEZ POR CAMPOS MONTEIRO

TORRES NOVAS, (9 h. e 56 m.):
— Torna a haver «chassez-croisé» de sapatos, os amarelos acariciando os brancos, e os brancos deixando-se acariciar. Mas uma das Furias accorda e pergunta se já estamos no Entroncamento. Despertam os restantes. O calçado descança. E os dois recém-namorados ficam hirtos, um a par do outro.

Mas nem por isso a correspondencia cessa. O que um amante não descobre não o descobrirá um policia da Segurança. Arthur, que pousou o jornal nos joelhos, aponta, disfarçadamente, o título do artigo de fundo: — «Para onde vamos?» — Ella percebe, tem um sorriso malicioso. E volta-se para o velho:

— Papá! Chegaremos muito tarde a Salamanca?

— Lá p'ra as dez da noite, minha filha!

— E no Hotel do Commercio esperam-nos, não é verdade?

— Pois claro. Já para lá escrevi ha quatro dias.

Indifferente, como quem não ligara importancia á conversa, Arthur volta a página do jornal. Lê um instante a secção dos theatros. Parece, mesmo, interessá-lo muito a seguinte noticia: «Como estava annuciado, realisa-se hoje a «réprise» da deliciosa peça «A chamma». Torna e estender o «Diario» sobre as pernas. E, com a unha do indicador, vae sublinhando as seguintes palavras: «Como... se... chama?»

Novo sorriso da pequena, que se demora um instante a pensar, e se inclina enfim para a mãe:

— A mamã não leu a carta que a Laura me mandou?

— Nem tive tempo — tornou a velha. — Com estas barafundas da partida...

— Tenho-a aqui.

Abre a saquinha de mão, tira um envelope azul, e de dentro d'elle uma larga folha de papel cheia de cursivo inglez, que estende á velha. Mas o envelope fica na mão, o mais naturalmente possível, fazendo de quando em quando de ventarola, mas patenteando o endereço: «Mlle. Maria Sara F... da C... — Rua... — Lisboa.»

E Arthur ficou senhor de todas as indicações necessárias...

ENTRONCAMENTO, (10 h. e 15 m.): — As tres Parcas desembarcaram. Ficamos cinco passageiros apenas no compartimento. Os velhos dormitam outra vez. Eu vejo no espelho do lado que Arthur tomou uma das mãos de Maria Sara, e não ha meio de largal-a.

ALBERGARIA, (10 h. e 58 m.):
— Chamaram para almoçar. Fico n'uma mesinha a par de outra maior, que tocou a Arthur e á familia que vae para Salamanca. Não ha convivencia como a da mesa. Os quatro conversam animadamente. Arthur serve agua do Luso á mãe, vinho de Collares á filha, charutos ao pae. No afan de se mostrar delicado e serviçal, as suas mãos andam n'uma dobadoira por cima da mesa. E, por baixo, o seu joelho roça suavemente o de Maria Sara.

ALFARELOS, (11 h. e 40 m.): — Terminou o almoço. Ao atravessar o corredor, a velha entrou no lavabo. O velho ficou esperando-a. Eu debrucei-me na portinhola, para respirar um pouco de ar fresco. Os dois namorados seguem. Olham para traz, vêem o corredor deserto, e enlaçam-se pela cintura.

COIMBRA, (12 h. e 11 m.): — Não voltei ao compartimento, onde faz muito calor. Vejo no espelho porém, tudo que lá se passa. Arthur e Maria Sara conversam. Os velhos lêem. Mas uma voz grita na gare:

— Arrufadas frescas!

Os dois velhos debruçam-se na portinhola, muito interessados na compra do doce. E n'um impulso irresistivel, os rostos de Arthur e Maria Sara aproximam-se, os seus labios unem-se n'um arroubo infavel.

Não se póde exigir mais de dois jovens que, quatro horas antes, se não conheciam ainda.

MEALHADA, (12 h. e 30 m.): — Lá ficaram na Pampilhosa os velhos, a rapariga e o rapaz. Devem ir a estas horas pelas alturas de Mortagua. Tenho pena de não ter podido acompanhá-los, na certeza de que estes apontamentos terminariam da seguinte fórma:

SANTA COMBA, (13 h. e 51 m.): — Pelo sr. Arthur Qualquer Coisa foi pedida em casamento, a seus paes, que viajam no mesmo comboio, a mão da menina Maria Sara F... da C...

MANGUALDE, (14 h. e 40 m.): — Realizou-se o consorcio do sr. Arthur de Tal com a ex.ma sr.a D. Maria Sáa, etc.

VILLAR FORMOSO, (17 h. e 49 m.): — Deu á luz um robusto menino a esposa do nosso presado amigo sr. Arthur Qualquer Coisa, distincto «sportsman» lisboeta.

CAMPOS MONTEIRO

O DETECTIVE — Não se recorda a senhora que noite da semana era, quando os ladrões lhe entraram em casa?

A SENHORA — Não, senhor. Eu estava muito excitada e achava-me no banho.

O DETECTIVE — Ahn! Já sei. Então, era sabbado!



Namorei-me de um soldado,
onde chegou o meu brio!
de dia mata-me á fome,
de noite morro com frio.



BLÉNORRAGIA, CYSTITE, CATHARRO DA BEXIGA

Tratamento rápido e completo com a

*Injecção Anti-Blenorrhagica, Capsu-
las citrinas e
Licor de Alcatrão Composto de*

MEDEIROS GOMES

Deposito: ALFANDEGA, 213 e AV. PASSOS, 86

Pharmacia N. S. Auxiliadora

Lic. pelo D. N. S. P. sob os ns. 573, 694 e 49

CREADA — Patrão, tome o seu café, que já está frio.

PATRÃO — Tu o provaste?

CREADA — Não, senhor; eu só metti o dedo...

ANNIBAL FREIRE (CONTINUAÇÃO)

seus estudos, ao seu orgulho, ao seu silencio nobre, sem uma queixa, sem um protesto, sem um passo no rumo dos vencedores. Professor da Faculdade do Recife, e delegado desta junto ao Conselho Superior do Ensino, lecciona a sua cadeira e vive da companhia dos seus livros. Em 1918, apresentada a sua candidatura á deputação, é depurado. Até que, em 1922, é convidado por Sergio de Loreto para secretario das Finanças do Estado, cargo que recusa, preferindo a direcção do «Jornal do Brasil», de onde passa para a Camara Federal, de novo, em 1924, entra para a Comissão de Finanças, passando, d'ahi, pela sua autoridade, para a pasta da Fazenda em principios de 1925.

As victorias deste Annibal com dois «nn» e sem «b», são superiores ás do seu homonymo. E' um Annibal que sabe renunciar. «Annibal ad portas!» — gritavam os romanos, apavorados. Este é mais temivel quando, na sua altaneria, volta as costas a Roma. E ahi estão como prova os seus sete annos de ostracismo, de dignidade, de intransigencia. Brilhante, culto, moço, via passar á sua frente a mediocridade victoriosa. Não disputou o seu direito aos pigmeus. Quando os lagartas morrem, apparecem as borboletas...

As lagartas morreram... Annibal appareceu...
— Annibal ad portas!...

PAULO DE CARTHAGO

SORÉT E' SOBERANO

NOS CASOS DE ENFRAQUECIMENTO DOS NERVOS,
FALTA DE ME... E FALTA DE
APPETITE

ELIXIR DE SORÉT VENDE-SE EM TODAS AS
PHARMACIAS E DROGARIAS, APPROVADO PELA DIRECTORIA
DE SAUDE PUBLICA em 26/6/1919 sob N. 97

Os symbolos

Nas vespas do casamento, mlle. Florinda discute com a mãe o grave problema da toilette de nupcias.

— Mamãe acha que eu devo levar flores de laranjeira?

— Certamente, filha; por que não?

— Eu digo, por causa dos visinhos, que sabem do meu... do meu... do meu... accidente.

— E que tem isso? Desde que as flôres são artificiaes nós não enganamos ninguem!



PARE!
E
OUÇA

o que diz
o eminente Prof Dr
RUBIÃO
MEIRA
Attesto
que tenho
empregado
com frequencia
em minha clinica O

**Emplastro
PHENIX**

obtendo excellentes
resultados na **CURA**
RHEUMATISMO,
DORES nas COSTAS,
CONSTIPAÇÕES,
— etc —

EXISTE HA 50 ANOS

EXIJA ESTA MARCA



A "FLUXO-SEDATINA" é o GRANDE REMEDIO
DAS SENHORAS e SENHORITAS em todas as edades.

PORQUE?

1.º — Porque as PALPITAÇÕES, Dôres de cabeça, ENJOOS, Vista turva, PESO NA CABEÇA, Vertigens, DORES NO VENTRE, Falta de memoria, CANSAÇO, Falta de animo, VOMITOS, Falta de appetite, que PROVÊM SEMPRE do utero doente, que faz da mulher um CADAVER VIVO, desaparecem rapidamente com o uso da "FLUXO SEDATINA".

2.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" combate com vigor as IRREGULARIDADES da menstruação, como REGRAS dolorosas, REGRAS excessivas, FALTA de regras, SUSPENSÕES, COLICAS uterinas, CORRIMENTOS e INFLAMMAÇÕES DO UTERO.

3.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" engorda, restitue a ALEGRIA e a SAÚDE ás MOÇAS PALIDAS, ANEMICAS, que soffrem de FLORES BRANCAS, Nervosia, INSOMNIA, Hysterismo, MAL-ESTAR e Doenças proprias da sua idade.

4.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" evita os abortos e suas CONSEQUENCIAS FATAES e nos Partos é um PODEROSO AUXILIAR, facilitando, diminuindo as dôres e EVITANDO as HEMORRHAGIAS.

5.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" é o unico medicamento efficaç que NUNCA FALHA. E' o GRANDE REMEDIO do utero, calmante, REGULADOR, sendo DIARIAMENTE receitado pelos medicos e pelas parteiras, e usada com resultados CERTOS em todos os Hospitaes e Maternidades da America do Sul.

✢ ✢ ✢ Licenciado pelo D. N. S. Publica, sob n. 87, em 28 de Junho de 1915 ✢ ✢ ✢